

quantas pessoas, quantas, sofrem e morrem por causa das lutas pelo poder! São vidas que o mundo rejeita, como rejeitou Jesus, aqueles que são excluídos e morrem... No entanto, o Evangelho continua a ser uma palavra viva e esperançosa: **Aquele que foi rejeitado, ressuscitou, é o Senhor!**

Papa Francisco, *Angelus*, 22 de setembro de 2024



Boletim de Espiritualidade

1 OUTUBRO 2024
Ano XI Nº 124

124



Agenda outubro 2024

- 1 **Porto** (CCC) – Conferência: *O ano jubilar: É possível programar a esperança?* – Amaro Gonçalves Lopes
- 4 e 5 **Lisboa** – Celebração Ecuménica e encontro «Também Somos Terra!»
- 5 **Algarve** (Palmeiral: Casa de retiros S. Lourenço) – Jardinagem e Espiritualidade
- 5 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 5 **Estoril** (Salesianos) – «E-vangelizar»
- 7 **Fátima** (Santuário) – Recolção – *Alexandra Neves*
- 7 a 11 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro clero
- 12 a 14 **Funchal** (Carmo) – Encontro sobre “A Oração em Santa Teresa de Jesus: Como Orar?”
- 13 **Fátima** (Santuário) – *A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor* – I: P. Pedro Tavares e Ir.ª Sandra Bartolomeu
- 14 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: “A Estrutura do Evangelho de S. Lucas”
- 14 **Online** – De véspera com... S. Teresa de Jesus (21h30)
- 14 a 18 **Fátima** (Santuário) – Retiro – *P. José Augusto Leitão, SVD*
- 17 **Silves** (Piajet) – *Entre o bem e o mal, a qual pertença?* – P. Flávio Martins
- 17 a 25 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 17 a 20 **Fátima** (Santuário) – Retiro de doentes
- 18 a 20 **Fátima** (Domus Carmeli) – XII Congresso de Espiritualidade: “Afetividade e Espiritualidade”
- 19 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 19 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus
- 20 a 26 **Fátima** (Claretianos) – Retiro: “Vida Consagrada Sinodal: Caminhando juntos e com Deus” – P. Abílio Pina Ribeiro, CMF (Claretiano)
- 24 a 27 **Fátima** (Santuário) – Retiro de doentes
- 25 **Algarve** (S. Lourenço) – Formação em liderança para empresários e gestores (ACEGE)
- 25 **Funchal** (Carmo) – Encontro de jovens
- 25 a 27 **Fátima** (Santuário) – Curso sobre a Mensagem de Fátima
- 26 **Fátima** (Santuário) – *A contas com Fátima. Conversas para crescer na fé, na esperança e no amor* – II: Miguel Cardoso e André Pereira

- 26 **Braga** (Casa da Torre) – A arte do encontro
- 27 **Avessadas** – Domingo das bênçãos
- 30 a 31 **Algarve** (S. Lourenço) – Convívios Fraternos

Agenda novembro 2024

- 2 **Avessadas** – Tardes com Maria
- 4 **Fátima** (Santuário) – Recolção – *P. Rui Ruivo*
- 4 a 8 **Fátima** (Santuário) – Retiro – *D. Gilberto dos Reis, Bispo Emérito de Setúbal*
- 5 **Porto** (CCC) – Conferência: «Este ano será para vós um jubileu»: *Da Bíblia à vida* – Domingos Areais
- 6 **Online** – De véspera com... o Beato Francisco Palau (21h30)
- 7 **Online** – De véspera com... S. Isabel da Trindade (21h30)
- 7 **Silves** (Piajet) – *Construção da vida – Destino ou fado?* – Cón. Carlos Aquino
- 7 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 8 a 10 **Fátima** (Domus Carmeli) – Curso de Marianismo Carmelita
- 8 a 10 **Braga** (Casa da Torre) – Pedagogia Inaciana em exercício
- 8 a 15 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 9 **Algarve** (S. Lourenço) – Jardinagem e Espiritualidade
- 11 **Viana do Castelo** (Carmo) – Encontro Bíblico: “Introdução do Evangelho de S. Lucas”
- 14 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – Exercícios Espirituais
- 15 a 17 **Braga** (Casa da Torre) – “Não andeis, pois, inquietos!” – A vida como retiro interior
- 16 **Braga** (Carmo) – Encontro Junto à Fonte
- 16 **Porto** (Padres Carmelitas) – Guias para Deus
- 17 a 19 **Algarve** (S. Lourenço) – ENEAGRAMA (fds de autoconhecimento)
- 18 **Fátima** (Domus Carmeli) – Encontro de Sacerdotes
- 18 a 22 **Fátima** (Santuário) – Recolção – *P. Carlos Carneiro, SJ*
- 22 a 24 **Fátima** (Domus Carmeli) – Retiro de Advento
- 22 a 24 **Braga** (Casa da Torre) – Simpósio Inaciano
- 24 e 25 **Algarve** (S. Lourenço) – Retiro ACEGE – para empresários e gestores católicos
- 25 **Braga** (Casa da Torre) – Advento: Nunca sós
- 30 **Viana do Castelo** (Carmo) – Retiro de Advento: “Tempo de graça com São João da Cruz” – Frei Carlos Eduardo



Cheias, dilúvio e Deus

Armindo Vaz, OCD

Enquanto Portugal ardia irrecuperável, outras regiões do orbe terráqueo não sabiam como lidar com as cheias e as chuvas diluvianas, que causam catástrofes e arrastam muitas vidas com elas. Quando acontecem, há quem pense no dilúvio bíblico. Não são a mesma realidade. Mas são uma ocasião para desconstruir o relato do livro do Génesis 6,5-9,17 e para construir o seu sentido. Que *queria dizer*, quando foi escrito entre os séculos X e V a.C.?

Por falta da necessária leitura contextualizada, desembocou frequentemente – na história da espiritualidade tradicional e fora dela – em interpretações enviesadas de alguns dos seus temas, acusando Deus de crueldade implacável na destruição impiedosa da humanidade: nesse contexto, Saramago, no seu romance *Caim*, põe as personagens a chamarem Deus «invejoso..., malvado e infame» (Editorial Caminho 2009; pp. 164.180). Pensou-se que «a descarga de chuva sobre a Terra quarenta dias e quarenta noites» puniria com cores sombrias o ponto mais alto da onda do pecado – que teria vindo a crescer, desde a rebelião de ‘Adão’ contra Deus, passando pela revolta do homem (Caim) contra o homem e culminando na «violência que encheu a Terra»: «Toda a carne tinha corrompido o seu caminho sobre a terra». A história do dilúvio daria um perene ensinamento sobre a justiça e a misericórdia de Deus e sobre a extrema malícia humana, em que o gravíssimo pecado da humanidade só poderia ser lavado com o exemplar castigo do dilúvio cósmico: significaria que Deus não é indiferente diante do mal moral e da injustiça e que interviria matando toda a humanidade pecadora e concedendo a salvação ao justo. Seria uma grande lição moral e indicaria o mistério do mal e do julgamento divino, executado de modo duríssimo e inexorável, prefigurando o ‘juízo final’. E ligava-se a Lc 17,26ss e a Mt 24,37-39: «Como sucedeu nos dias de Noé, assim sucederá também nos dias do Filho do Homem...»).

Mas identificar a sua mensagem com a justiça e a misericórdia de Deus é irónico e cruel, dado que a narração apresenta Deus a poupar só uma família e a destruir toda a humanidade (“pereceu toda a carne”: Gn 7,19-24): isso é misericórdia?! Aliás, não se dá antes do dilúvio um aviso premonitório aos supostos pecadores, no sentido de se arrependem e se converterem para não perecerem! Essa interpretação é insustentável.

Para compreender a história bíblica do dilúvio, é indispensável situá-la no seu contexto cultural, literário e religioso. Ora, ela é uma versão da conhecida tradição narrativa do dilúvio, testemunhada no contexto cultural do antigo Próximo Oriente desde o tempo dos sumérios (já pelo 3500 a.C.) até ao período helenista, no séc. IV a.C. Principais relatos conhecidos, evidentemente paralelos ao do dilúvio bíblico, com os respectivos sobreviventes correspondentes a Noé: um texto sumério de Nippur (em que o correspondente a Noé é Ziusudra), o mito de Atrahasis (sobrevivente com a família, com o papel do Noé bíblico e família), redigido em acádio lá pelo ano 1600 a.C., a tabuinha XI da epopeia de Gilgameš (com Utnapištīm e sua mulher a corresponderem a Noé e sua família), em acádio na primeira metade do II milénio, e a versão do sacerdote mesopotâmico Beroso, séc. IV a.C. (com Xisuthros a corresponder ao Ziusudra do mito sumério do dilúvio e ao Noé bíblico). O confronto deles com a narração bíblica obriga



«O dilúvio»: Michelangelo Buonarroti (1475-1564)
Tecto da Capela Sistina – Vaticano

a concluir que ela está influenciada por eles. Como eles são *mitos de origem*, também o relato bíblico do dilúvio é *mito de origem*, um relato imaginado em função do sentido humano e religioso a dar a realidades da vida, atribuídas, para isso, a um acto criador da divindade. O mito não é mentira. Pelo contrário, contando numa história sagrada a vinda das coisas à existência, sublima o real, fazendo-o remontar ao original, às origens, ao tempo sem tempo que é o tempo de Deus: o que conta não sucede; liga a vida a Deus. Não sendo aceitável decompor a sua linguagem em linguagem factual, não podemos considerar o dilúvio doloroso para a terra, para os humanos e para Deus.

Lendo a narração bíblica neste seu contexto, constatamos que a compilação dos relatos que agora formam Génesis 1-11 tem os temas, o contexto e a estrutura literária da tradição mítica mesopotâmica sobre o dilúvio. Nela, o dilúvio insere-se numa narração mais ampla e dela deriva o significado. É assim na epopeia de Gilgameš, no mito de Atrahasis e nas *Babyloniaka* de Beroso. Dado que os mitos de origem descrevem um processo de criação divina longo, nestes agora mencionados o dilúvio aparece como mais uma etapa, miticamente necessária, desse processo de criação da existência humana. É o que temos também no Génesis.

Aqui, o dilúvio aparece como **punição** de uma **transgressão**, ambas miticamente imaginadas. A motivação para Deus o decidir e desencadear é a “corrupção da terra diante de Deus, cheia de violência” (Gn 6,11-13): “a maldade do homem era grande sobre a terra e todos os pensamentos que o seu coração concebia eram só e cada vez mais depravados” (Gn 6,5). Esta “violência” não é factual. Como nos mitos de origem que queriam ‘explicar’ realidades penosas da vida, tem a função de uma **transgressão** primordial, como a *hybris* grega: contando que os humanos criados por Deus estariam a interferir no mundo divino, o mito significa que não se pode pôr em causa a ordem do universo e a fronteira intransponível que deve distinguir necessariamente o *ser humano* do *Ser divino* (“corrupção da terra *diante de Deus*), a imanência da transcendência. A transgressão é metafórica, uma causa desproporcionada, sem cores éticas ou morais. É funcional, um pretexto procurado para que o dilúvio apareça ‘justificado’ e não como decisão arbitrária e caprichosa da divindade. [o mais interessante da explicação seguirá no próximo número]

Fátima, 18 a 20 outubro 2024

XII Congresso de Espiritualidade

Afetividade e Espiritualidade

Organização

Institutos de inspiração carmelita e teresiana

Ordem do Carmo | Ordem dos Carmelitas Descalços
Companhia de Santa Teresa | Carmelitas Missionárias
Instituição Teresiana

OPÇÃO de participação: presencial | on-line

XIII JORNADA DE
TEOLOGIA PRÁTICA

CHAMADOS À LIBERDADE A PRETEXTO DE ABRIL

19 OUT 2024

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA,
LISBOA E ONLINE




COORDENAÇÃO CIENTÍFICA E ORGANIZAÇÃO
LUIS M. FIGUEIREDO RODRIGUES,
JOSE P. ANGÉLICO, ALEX VILLAS BOAS, JUAN AMBROSIO,
PAULO FONTES, PEDRO FALCÃO



XIII Jornada de Teologia Prática

Estão abertas as inscrições para a XIII Jornada de Teologia Prática: "Chamados à liberdade: A pretexto de Abril".

As inscrições decorrem até ao próximo dia 17 de outubro. Esta nova edição da Jornada realiza-se no dia 19 de outubro de 2024, na Universidade Católica Portuguesa, em Lisboa e online. 



«Escuta, Israel!»

Seleção de textos bíblicos por Armindo Vaz, OCD



Destruição em Gaza | Foto © Omar El Qattaa/Amnesty International

Salmo 44 (43) Lamentação de um povo devastado

- ² Com os nossos ouvidos ouvimos, ó Deus!
Os nossos antepassados contaram-nos
os prodígios que fizeste nos seus dias,
nos dias de antigamente.
- ³ Com a tua própria mão, expulsaste povos e castigaste
nações;
e assim plantaste nesta terra os nossos pais
e aqui os fizeste crescer.
- ⁴ Não foi pela sua espada que conquistaram a terra,
nem foi o seu braço que lhes deu a vitória.
Foi a tua mão direita e o teu braço
e a luz do teu rosto, porque os amavas.
- ⁵ Tu és o meu rei, ó Deus.
Decreta a vitória para o povo de Jacob.
- ⁶ Contigo atacaremos os nossos adversários;
pelo teu nome calcaremos aos pés os nossos inimigos.
- ⁷ Não é no meu arco que eu tenho confiança,
nem é a minha espada que me salvará.
- ⁸ Pois Tu é que nos salvaste dos nossos inimigos
e cobriste de vergonha os que nos odiavam.
- ⁹ A toda a hora te louvámos, ó Deus,
e havemos de celebrar o teu nome para sempre.
- ¹⁰ Tu, porém, rejeitaste-nos e deixaste-nos cobertos de
vergonha
e já não sais com os nossos exércitos.
- ¹¹ Fazes-nos retroceder diante dos inimigos
e os que nos odeiam saquearam os nossos bens.
- ¹² Entregaste-nos como ovelhas para abate
e dispersaste-nos por entre os povos.
- ¹³ Vendeste o teu povo sem benefício
e nem discutiste os preços deles.
- ¹⁴ Fizeste de nós o escárnio dos nossos vizinhos,
desprezo e zombaria dos que nos rodeiam.
- ¹⁵ Fizeste de nós motivo de irrisão para os povos,
provocando o acenar de cabeça entre as nações.
- ¹⁶ Todo o dia tenho presente a minha desgraça,
e a vergonha cobre-me o rosto,
- ¹⁷ com os gritos do que insulta e blasfema,
à vista dos inimigos e opressores.
- ¹⁸ Tudo isto aconteceu-nos sem que nos tivéssemos
esquecido de ti
e sem termos violado a tua aliança.
- ¹⁹ O nosso coração não tinha voltado atrás
e os nossos passos não se tinham desviado do teu
caminho,
- ²⁰ para que Tu nos esmagasses no terreno das feras,
e nos envolvesse de profunda escuridão.
- ²¹ Se tivéssemos esquecido o nome do nosso Deus
e estendido as mãos para um deus estranho,
- ²² Deus teria certamente descoberto isso,
pois Ele conhece os recônditos do coração.
- ²³ É por causa de ti [contra a tua vontade] que temos sido
trucidados todo o dia
e tratados como ovelhas para o abate.
- ²⁴ Desperta, Senhor! Por que dormes?
Levanta-te e não nos rejeites para sempre.
- ²⁵ Por que escondes o teu rosto
e te esqueces da nossa miséria e tribulação?
- ²⁶ A nossa alma está prostrada no pó
e o nosso ventre pegado ao chão.
- ²⁷ Levanta-te para nosso auxílio
e resgata-nos pela tua misericórdia.

Ciclo «Peregrinos de esperança» 2024/2025

Centro de Cultura Católica do Porto

A formação cristã como desafio permanente

Ciclo de conferências 2024/2025 «Peregrinos de esperança»

No seguimento da divulgação do Plano Diocesano de Pastoral para o ano 2024/2025, sob o lema *Com todos e para todos: Peregrinos de esperança*, no contexto do Jubileu 2025, o Centro de Cultura Católica da diocese do Porto, em conjugação com o diaconado permanente e com a colaboração de alguns secretariados e organismos diocesanos, organizou um ciclo sob o mesmo título *Peregrinos de esperança*, que aborda várias das temáticas presentes no dito plano. As sessões decorrem por videoconferência no dia referido às 21h00. A participação é livre mediante inscrição para o endereço de email: ccc@diocese-porto.pt

Celebração Ecuménica Nacional

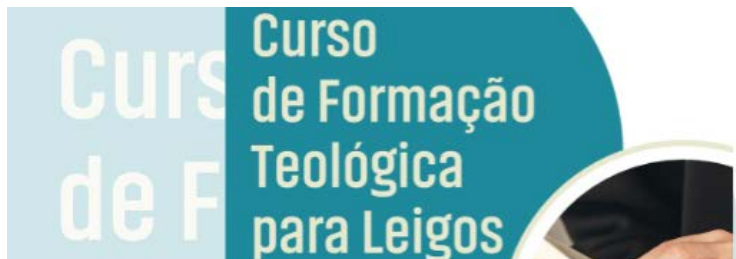
Lisboa, 4 e 5 de outubro



A Rede 'Cuidar da Casa Comum' vai assinalar o 'Tempo de Criação 2024' e destaca a Celebração Ecuménica Nacional, o Encontro 'Também Somos Terra!' e a 'Feira da Criação', nos dias 4 e 5 de outubro, em Lisboa. A Associação R3C – Rede Cuidar da Casa Comum (CCC) – vai assinalar o 'Tempo de Criação 2024' com diversas atividades e destaca a Celebração Ecuménica Nacional, no dia 4 de outubro, às 21h00, na igreja de Nossa Senhora dos Navegantes, no Parque das Nações, em Lisboa. No dia seguinte, 5 de outubro dinamiza o encontro anual 'Também Somos Terra!', que inclui uma conversa sobre o tema *'A questão ecológica como lugar teológico'*, e uma 'Feira da Criação', com conferências, oficinas, testemunhos, caminhadas, exposições, como o resultado da Maratona de Fotografia sobre os 'Objetivos Laudato Si', iniciativas para as crianças, os jovens, e as famílias.

Curso de Formação Teológica para Leigos

Instituto Superior de Teologia de Évora

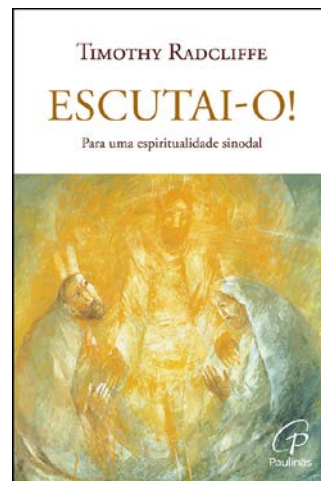


Com início a 10 de outubro, às quintas-feiras, entre as 21h e as 23h, o Instituto Superior de Teologia de Évora vai promover um Curso de Formação para Leigos, com duração de três anos, ou seja, 6 semestres. O curso tem como objetivos – proporcionar um maior conhecimento da Bíblia, o seu contexto histórico e geográfico, a história da formação e formas de interpretação; aproximar os participantes das principais matérias teológicas e seus conteúdos fundamentais e preparar os leigos para o exercício dos ministérios laicais cada vez mais necessários nas comunidades cristãs.

ESCUTAI-O!

Para uma espiritualidade sinodal

Timothy Radcliffe



Com o Sínodo sobre a Sinodalidade, o maior exercício de auscultação a nível mundial na história da humanidade, o papa Francisco convidou o povo de Deus a repensar criativamente, sob a batuta do Espírito, o modo de ser e estar em Igreja. Timothy Radcliffe, antigo mestre-geral da Ordem dos Pregadores, nas meditações aqui reunidas, pregadas aos participantes na primeira sessão do Sínodo, em outubro de 2023, explora, sem fabricados receios ou infundados entusiasmos, o desafio que a Igreja tem à sua frente, realçando a conversão interior e coletiva que este pressupõe. Partindo do episódio bíblico da Transfiguração, Radcliffe mostra como a comunhão plena só é possível aí onde as partes se escutam, esvaziando-se das suas certezas para acolher o outro como ele é. Nesse movimento, o Espírito fala: *escutemo-Lo!*

Publicação: Paulinas editora

clustro

Tempos de Paz são fundamentais para organizações saudáveis.

Teresa Eugénio relaciona o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) com o mundo da economia ligando os pontos onde coincidem, isto é, são os desejos mais profundos dos crentes, dos que acreditam que a paz e a justiça se constroem não apenas com os esforços humanos.

A Esperança – O Advento. Branca Paúl, enraizada na esperança, mergulha na confiança que nos conduz à certeza na fé, da ressurreição e da Vida! «Esta é a verdade que nos deve animar durante o nosso percurso vivencial, a nossa existência terrena!», refere.

A espiritualidade mariana sacerdotal. David Gil Esteves, destaca neste artigo a importância da espiritualidade mariana para os sacerdotes, enfatizando Maria como modelo a ser seguido para fortalecer a relação com Jesus e viver o evangelho. «A presença de Maria nas nossas vidas é real».

Três perguntas e... mais uma

«Entendi que essas estórias não se podiam perder!»

1. É historiador?

Seria uma honra sê-lo, mas não sou. E de igual modo honrado ficaria se, ao menos, fosse um pequeno aprendiz. Mas nem isso sou. Mas porque pergunta, é por causa do livro cujo título é **Estórias da história do Menino Jesus de Praga?**

Bem, se é por isso, entendo a pergunta. Sim, entendo-a muito bem, pois há ali um fundo histórico, sim! Mas repare: Não será por pormos o termo história na capa de um livrinho que possamos ser tomado por historiador! Aliás, o acento do título está mais nas *Estórias*, que na história. Ali apenas foi meu cuidado contar *estórias*, jamais fazer história, neste caso da devoção da nossa Ordem ao Divino Menino Jesus de Praga!

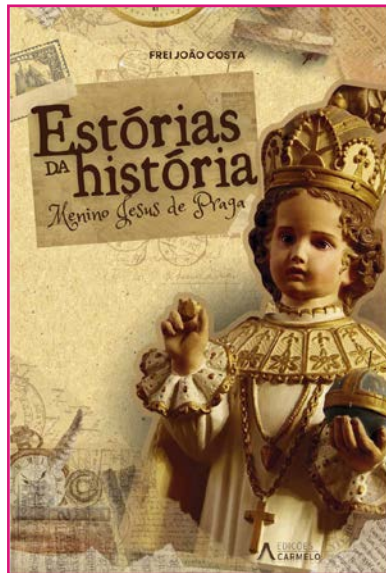
Outros por aí haverá cuja responsabilidade seja fazer história, mas não a mim. Como me compete, eu olho com muito respeito para os oficiais dessa arte e comovo-me muito com eles: *queimam as pestanas* por anos a fio (e se não fosse quase uma heresia, diria que parecem velas a arder diante do trono do Altíssimo, tal a estância e a permanência diante do objecto do seu estudo!), percorrem milhares de quilómetros para visitar arquivos esquecidos, e perdem (ou ganham?!) anos a classificar, e também a ler latinório e a confrontar fontes com a intenção de esclarecer uma decisão ou um singelo dia que mudou o curso de uma comunidade ou nação! Nem sabe como eu aprecio isso, mas não é por aí que me movo, pois me falham as competências!

Desculpe a divagação, mas eu sou assim. Aliás, a história do Menino Jesus de Praga já está contada e não pode mudar-se – O P. Alpoim diz isso no Prefácio do livro e acerta em cheio. Ele percebeu bem que eu nem mudo nada da história, nem descobri ou acrescento factos novos; eu apenas reconto os factos já conhecidos e, em Portugal, são divulgados desde a lonjura dos tempos pelo P. Isidoro Maguna.

Outrossim quis, com este livrinho, falar daquela tão terna devoção – talvez a mais terna do nosso cora-



Autor: Frei João Costa



ESTÓRIAS DA HISTÓRIA DO MENINO JESUS DE PRAGA
(Edições Carmelo, 2024. PVP 8,00€)

ção católico! – ao Menino Jesus que, para nós, carmelitas descalços, leva o honroso título *de Praga* (e *de Avessadas*, já agora!).

Seja, portanto, eu não faço história, não estou capacitado para isso, apenas conto *estórias*, e faço-o com a certeza de que estas ajudam a iluminar aquela. Para mim a história volve-se mais rica e veraz se se lhe acresce essas narrativas, mesmo as mais minúsculas, cujo efeito é o dos grãos de pimenta na comida! O que, pois, se pode ler no tal livrinho, são contos ou narrações que foram sucedendo, sobretudo em Praga, mas também por cá, ao longo do rio da história da devoção.

Resumindo a minha resposta: não sou historiador; dou-me por satisfeito se sou narrador de *estórias* ou contos.

2. E o que é o cartapácio que dizer achado num alfarrabista em Amesterdão? Ele existe mesmo?

Existe, sim. Mas não está escrito em latim, nem é velho. É bastante recente, aliás. Conto-te com gosto como tudo aconteceu: um dia fui a Praga ajoelhar-me aos pés do Divino Menino Jesus. Isso passou-se há não muito tempo; não lembro o ano, mas foi no século passado. Eu ia acompanhado de muitos peregrinos. De lá uns trouxeram imagens, eu, pagelas e um livro em espanhol – é o meu *cartapácio* que me assessorou e me inspirou a contar as benditas *estórias*... Claro que não estão todas no cartapácio, mas que foi uma inspiração, isso foi, não o nego, nem isso diminui estas *estórias*. E também serviu de certificação nas datas e nos pormenores mais históricos, o que é muito, muito bom. Como estou longe da minha biblioteca – estou de férias – não recordo bem o título que leva na capa, nem lembro o nome do autor que, creio, é de um dos nossos frades duma Província italiana. Portanto, o *cartapácio* existe, sim.

Quero, ademais, referir-me ao contexto em nasce este livro das *Estórias*.

Antes de chegar ao formato livro, estes textos apareceram, ao longo de

anos, no Mensageiro do Menino Jesus de Praga, o boletim do Santuário do Reizinho, em Avessadas. Portanto, foram lidos e, ainda que indirectamente, aprovados e validados pelos leitores e devotos. Sei aliás, de alguns que esperavam pelo Mensageiro para ler a *estória* do mês, e só depois liam o resto. Acontece, mas nem sempre! O que quero dizer é que não pensei jamais escrever uma história, menos ainda em formato livro, mas tão-só ir falando, passo por passo, das *estórias* da história do Menino Jesus de Praga. Foi nesse contexto que me lembrei de falar do *cartapácio*, porque eu precisava de dizer ao leitor: olha, eu não sei tudo da história da devoção, eu tive de ir consultar e ler, tive de me informar, e li, e informei-me, e só depois é que falei, e foi assim que, por meses a fio, fui mantendo os leitores *agarrados* à história do Menino Jesus de Praga. Aliás, tal nem é difícil, pois os devotos do Reizinho gostam de ler, sei isso muito bem. Entenda-se: eu queria conferir alguma credibilidade às *estórias* que eu queria contar. E acho que consegui. Aliás, se alguma data ou algum pormenor estiver menos bem contado, eu me penitencio e prometo corrigi-lo.

3. Se a sua intenção era contar, ou recontar a história da devoção ao Divino Menino Jesus de Praga, porque acrescentou à história da devoção, por assim dizer, uma segunda parte intitulada *O que ainda havia para saber?*

Basicamente porque urgia fixar a história recente da devoção em Portugal. Já agora, diga-se, a devoção ao Menino Jesus de Praga chegou rapidamente a Portugal. Chegou mais cedo a Portugal, e daqui ao Brasil, às Índias..., do que chegou a outros países europeus mais prósperos! Existem, desde muito cedo, em Portugal, altares em muitas igrejas que lhe são dedicados! Hoje, pouca gente liga a devoção aos carmelitas descalços, mas sim, ela é nossa, ela é aprendida do amor de nossos pais Santa Teresa e São João da Cruz a Jesus, pois Jesus Cristo é o nosso centro, o único Salvador. E é já Salvador desde os dias da sua Encarnação!
Que maravilha poder meditar nisso...

Ora, como é sabido em finais de outubro de 1961, em Avessadas, Marco de Canaveses, nós, carmelitas descalços, construímos o Noviciado da Ordem – o primeiro em séculos! – e a ele adossado, o Santuário do Menino Jesus de Praga! Foi um feito enorme, incomensurável! Mais e mais, porque foi construído em pouco mais de um ano!

É verdade que muitas coisas estão escritas na Crónica do Noviciado e, depois, na da comunidade do Santuário. Mas como é sabido, o cronista não vê tudo, não sabe tudo, nem escreve tudo o que sabe. Sim, há naquelas Crónicas coisas interessantes, que aparecem nestas *Estórias*, mas além disso, existia muito mais que eu ouvia contar aos frades mais velhos, e eram preciso fixar o que eles nos contavam a nós, mais novos, nos recreios dos nossos trabalhos e estudos. Não se podia perder, não é? Sempre são *estórias* em primeira mão!

É bom lembrar que na tarde do dia da bênção do Santuário, tomaram hábito um bom punhado de noviços e professaram quase outros tantos! Isto é, desde o primeiro dia o Santuário foi habitado por uma boa turma de santos, alguns deles jovens rebeldes, é certo, mas todos muito piedosos e dedicados a honrar a Senhora do Carmo e o seu divino Filho! Ora, eu entendi que era chegada a hora de falar das coisas que ouvi, por exemplo ao P. Manuel de Jesus Brito, que foi meu mestre de Noviciado, ao P. José Carlos Vechina, arquivista da Ordem, ao P. Manuel Dias, e ao P. Alpoim Portugal que não é desses dias, mas é um grande apóstolo do Reizinho. E a outros muitos... Urgia escrever a glória dos dias primeiros do Santuário,

“ Entendi claramente que essas *estórias* não se podiam perder, e fiz tudo para que não se perdessem... Porventura, já alguém reparou que, fora hoje, e não se construiria o Santuário do Reizinho?

rio, e este era o tempo, antes que desaparecessem todas as testemunhas. Foi tão-só nisso que eu reparei...

Entendi claramente que essas *estórias* não se podiam perder, e fiz tudo para que não se perdessem... Porventura, já alguém reparou que, fora hoje, e não se construiria o Santuário do Reizinho? Naquele tempo fazia sentido construí-lo, como também hoje faria, aliás; mas hoje falham as forças que antes sobravam, sobravam as vocações, as ajudas, o empenho e o engenho – e era por aí que ia a compostura da glória que só a Deus cabe e é devida. Já hoje, esse caminho é outro.

e... 4. Uma última pergunta: ficou alguma coisa por contar?

Quero crer que o essencial sobre aqueles gloriosos dias primeiros do Santuário do Menino Jesus de Avessadas estará dito, o que para mim é um grande gozo. Mas é sempre possível surgirem pérolas novas. Nisso também creio. Uma coisa, porém, quero deixar aqui dita: eu não interroguei as testemunhas, não fui a elas com um formulário e um gravador. Aliás, quando fui com intencionalidade, eles calaram-se. Por isso, o que registei foi tudo aquilo que ao longo de anos fui ouvindo e voltando a ouvir. E ouvi-o à mesa, durante as refeições, tal como o ouvi nos recreios, nos corredores, sempre com a informalidade de quem vive junto, ri junto, reza junto e agradece junto! Nunca ninguém me pediu ou mandou: escreve isto! Foi ao contrário: por tê-lo ouvido tantas vezes, achei que deveria gravar-se a letras de fogo. E assim procedi. E não é por ter sido assim que tem menos valor, bem pelo contrário, acho eu. Até tem mais valor, parece-me. E também deixo dito que as testemunhas não são todas iguais, e se umas confirmam o dito por outros, o que confere muito conforto, outras não falam muito, não são dadas ao muito falar, e é dessas que eu ainda espero pérolas...

A oração e a cidade

Frei João Costa, OCD



1. Para começo de conversa, sinto necessidade de contar duas estórias. Aí vão:

Primeira. Fui noviço na verdura dos dezoito anos – essa idade em que tudo sabemos e nada tememos; ou, pelo menos, eu era assim.

Recordo que durante o meu tempo de Noviciado a nossa Província recebeu a Visita Canónica Geral, na pessoa de Frei Francisco Javier Jaramillo. Era colombiano. Gostei do homem: era ameno, atento e firme, paciente, disponível, simpático e entrevistou-se, inclusive, com cada um dos cinco noviços que éramos. Pela candura do seu espírito e pela luz da sua inteligência – e àquela data eu não era mais fácil de convencer que hoje – como tanto apreciei falar com ele!

Recordo que depois de nos ter escutado a todos durante uma manhã inteira, almoçámos. E depois do almoço ficou-se a cavaquear connosco sobre como era a Ordem, onde estava, para onde se esticava ou esticaria, e para onde apontariam os voos futuros que seriam também os nossos, claro está.

O diálogo terminou assim:

– Bem, vou *fazer nada*.

– *Fazer nada*, inquiri, ignorante, quase sentindo-me insultado?

– Sim, gosto muito de *fazer nada*, recalcou semi-irónico, voltado para mim, talvez intuindo que assim mais me esperitaria!

– Vai fazer a sesta, curioso e indelicado, insisti?

– Não, não! Eu não faço sesta. A essa hora *faço nada*!

Fiquei tão perturbado com aquele seu inexplicado *fazer nada* que saí da roda bem antes dele – eu era um bocado

bruto, convenhamos... –, mas a maravilha vem a seguir. Não sei porquê nem para quê – para espia-lo não foi, isso tenho tanta certezinha como a de estar vivo! – acabei por entrar na igreja pela porta claustral e, inadvertido, dei de chofre com o P. Jaramillo, serenamente ajoelhado diante do sacrário, com a cabeça entre as suas duas grandes mãos! Ao ver a cena desbloqueou-se-me a torpeza da mente, ao mesmo tempo que me falhou a agilidade e desenvoltura necessárias para dali me retirar atempadamente, pelo que acabei entrando devagarinho, e acolitei-o, ajoelhado, dois ou três bancos atrás.

Ele ali *fazia nada*, afinal, e fez por longo tempo; e eu olhava como ele fazia.

Segunda. Anos mais tarde, já sacerdote, por causa da construção do Monte dos Mistérios do Menino Jesus, em Avessadas, vi-me imerso numa intervenção com artistas, no Porto. Foi um momento curioso. Para que os *Mistérios* da Santa Infância de Jesus se construíssem haviam-me exigido que os descrevesse por escrito e a voz viva, quanto ao significado e ao figurativo que deveria constar em cada um dos doze. Por meses a fio, tive de explicar, e bem argumentar, mesmo aqueles mistérios que não lhes pareciam históricos e que, por «*serem efabulados pela teologia*», diziam eles, não mereciam ser construídos! Quando me apercebi de tal pedido feito em tom de ameaça, dei comigo a perceber que aquilo até poderia tornar-se uma oportunidade de catequese. Se o foi ou não, não sei. Sei que sessões houve, em que os *catequizandos* chegaram a mais de vinte!

De facto, o caminho que começara comigo e com o mestre escultor, e com o senhor Joaquim que lhe varria

o atelier, acabou por, de quinze em quinze dias, reunir muitos e muitas, alguns deles figuras públicas, das artes, das televisões, da justiça e da política. Nunca aquilo me intimidou até ao dia em que verdadeiramente fiquei encaçado. Estava eu muito animado a injectar-lhes a minha narrativa – a que eles correspondiam respeitosamente – quando alguém, igualmente mui respeitoso, me perguntou:

– Visto que Você é carmelita, diga-me uma coisa: Que fazem as carmelitas nos seus carmelos? Para que rezam tantas horas? Que acrescenta a oração dos contemplativos à sociedade? Porque não vão antes trabalhar na acção social? Ou dar aulas? Ou cuidar de criancinhas, como a Madre Teresa de Calcutá? Porque não vão... varrer ruas?

Eu que sempre fui mais questionado (e sobressaltado) pelos de fora que pelos de dentro, só uma vez me vi verdadeiramente humilhado por um deles, mas não desta, embora esta me tenha perturbado a tal ponto que não consegui corresponder. Caíra-me uma nuvem tal na cabeça que, quando começava a esboçar o princípio da resposta, quase pressenti o V de vitória da plateia. E algum gozo. Antes, porém, que fosse vencido, levantou-se um homem – um Juiz Conselheiro – que nas *catequeses* sempre se mantinha calado; deu um passo em minha direcção e articulou uma resposta não muito longa, mas tão ajustada que parecia Paulo VI a falar! Fiquei-me *tão tamanhamente* assarapantado que nem lhe agradei, pois se me prendera a língua, visto nunca ter ouvido um teólogo falar assim!

Passados tantos anos, já não lembro quem o homem seja. Já não lembro o que disse; aliás, o lado da improbabilidade do dito naquele contexto, é o que ainda hoje me continua a surpreender. Lembro simplesmente o modo como disse e que sim, que defendeu a oração por si e em si mesma. Que sim, defendeu os contemplativos.

Lembrando estas duas estórias que, ainda hoje, tanto me fincam e alavancam, espero poder alinhar o contributo da oração à cidade.

Que cidade, afinal, constroem os homens e mulheres que *fazem nada*? Entenda-se que *fazer nada* é muito diferente de *não fazer nada*, porque *fazer nada* tomo-o por relação gratuita, por oração, pelo contrário de negociar com, tomo-o pela actividade humana mais improdutiva que existe e por isso tão negligenciada, tão desprezada, tão ignorada. Afinal, rezar não dá sorte, não dá dinheiro, não planeia nem acrescenta riqueza. Logo, num tempo em que quase unicamente se vive para tal, que valor pode ter a oração, hoje?

2. Para início de conversa, assumamos o que oração não é.

Não é negociar com Deus, nem fazer-Lhe exigências; não é redutível a pedir-Lhe coisas, nem a procurar que ande enredado e ocupado connosco; não é do domínio da terapêutica, nem qualquer tipo de meditação que pacifique e edulcore a vida; não é uma forma de O controlar,

nem dá estatuto, mercê ou vaidade espiritual que brilhe e sirva para exhibir na lapela, ou ajude a abrir as portas certas.

(Ah, como choro, lamento e estarreço se o período anterior reduz quase cem por cento da oração que somos e fazemos nós, os católicos, – e doutros nem falo – que, ou rezamos muito pouco, ou nos dedicamos quási só a pedir, quási só exigir, quási só a comprar ou a chantagear a Deus!)

Sim, pedir faz parte da oração, mas não é propósito único da oração. Na oração rezamos pelas nossas necessidades, mas orar é muito mais que nos auto-referenciarmos. Não, não, nem Deus é um génio mágico, preso numa lamparina que, sob certas condições – por exemplo, dizermos a senha certa! – se revele disponível a corresponder aos nossos pedidos, a satisfazer as nossas necessidades ou desejos, ou os alheios, que incessantemente Lhe choraminguemos; não, e não é uma máquina que vomite moedas d'ouro, mapas de tesouro ou pílulas de felicidade, e também não é um invertebrado qualquer que possa ser manipulado por controlo remoto, através nossas preces, mezinhas ou lágrimas.

3. A oração é assunto tão desconcertante que frequentemente escapa aos teólogos, aos experts, aos poderosos e aos sábios. Já, porém, é habitual e gratuitamente franqueado aos pequeninos, perante cuja humildade se desfazem os segredos das bisagras que a velam e a resguardam.

Eu levo muito a sério a palavra do apóstolo Paulo aos Romanos, quando nos diz: «*vós não sabeis rezar como convém*» (8:26); e depois recomenda que sondemos com frequência o Espírito Santo, para que interceda e reze por nós com palavras que não conhecemos. (Não é este o espaço para desvelamentos, mas lá que é verdade que já lhe tenho sussurrado: – *Vê lá, tu, ó Espírito, nas que estou metido! Olha que eu sei que sabes que eu sei e posso. Mas também sei que se agora Tu não me ajudas o que será de mim?!* Ai, sim, isso lho tenho dito, e mais vezes do que alguma vez julguei vir a dizer-lhas! E a coisa lá se resolve, mas nem sempre no modo que eu cuidaria mais plausível.)

Rezar é falar com Deus, é falar com o Pai. É reconhecer que só Ele é pai, fonte e origem de tudo e de mim. Minha referência, meu sol e minha chuva. Meu mar, meu calor e conforto. Não é nunca segundo, só primeiro. Sempre. É centro. É cromo único e irrepetível, logo impossível de dá-lo ou trocá-lo por mil outros, ou qualquer outro. É donde vimos, é para onde vamos. Queiramo-lo ou não, não sei como não haveremos de não querê-lo!

Eu entendia-me com o meu pai. A diferença entre pai e Pai é que, um dia, aquele pai envelhece e vira filho dos filhos; já este Pai não envelhece nunca, não tem origem nem fim, é Ele a origem, só Ele é o fim, é sempre Pai e nós sempre seus filhos. Não permite nem aceita troca de papeis. É sempre o Criador, e nós, passaritos como no ninho, sempre disponíveis para abrir a boquita...

A oração é assunto tão desconcertante que frequentemente escapa aos teólogos, aos experts, aos poderosos e aos sábios. Já, porém, é habitual e gratuitamente franqueado aos pequeninos.

Meu pai era mais de abençoar que de falar. Um dia falei com ele sobre cigarros; não mos proibia porque não tinha autoridade, mas partindo da sua experiência, também não mos recomendava. Que escolhesse livros. Preferi os livros e ainda hoje é o que fumo.

Há quem diga que rezar é como falar com um amigo, e eu aceito. Mas O amigo é tão especial, tão senhor e criador – o único, aliás –, que eu prefiro chamar-lhe Pai, prefiro chamar-lhe Jesus e chamar-lhe Espírito Santo. É; não se fala igual com pessoas diferentes... E neste meu falar brotam palavras, tu cá, tu lá, brotam preces, crescem nós na garganta da alma, e noutras vezes dissolvem-se, digo-lhe como estou, se estou stressado, se calmo, se explosivo, impulsivo ou melancólico, e às vezes, ou muitas vezes, ingrato sou, e nem Lhe digo nada, de tão cansado e cabeça no ar ando. Falo-Lhe de planos e, por vezes, perscruto os que para mim tenha. E arrependo-me da minha impulsividade feroz, da minha teimosia que raramente me deixa ver claramente visto o que para Ele sobre mim é tão claro. Diante Dele também choro, mas bebo as lágrimas para que não sejam mal-vistas. Imagino-O a meu lado (ou sinto-O?) ou sinto que salto para dentro do cenário em que Ele esteja. Espanto-me que caiba no sacrário, que ali fique preso, que ali se apouque, que tão poucos O visitem – ali ou nos doentes, para mim é sacramentalmente verdade que está à espera. E penso. Não direi aqui tudo o que pense, porque penso nos santos antigos, nos que ninguém conhece, nos que só eu conheço, nos de hoje, espalhados pelas selvas, sejam de alcatrão ou de cobras. Enfim, penso nas cobras e nos anjos, e em tudo o que fica de permeio. Diante do sacrário, gosto de me pôr a pensar como quem está junto à fonte porque, assim pensando, voo sobre oceanos infindos.

Não sei se sei rezar. Admito que inteiramente não saiba. Não tenho autoestradas, tenho carreiros de montanha. E, sobretudo, o Espírito Santo. Sei, e este saber não é de saber-saber, mas de alguma experiência que vou tendo: que nunca sou tão livre como na oração. Sei que o importante ou o centro eu nunca o sou, mas Quem diante estou. Já me incomodou mais o silêncio, mas agora prefiro-o, inclusive, à música suave. Já fui mais dado às palavras, às letras, ao diário e até a fazer orações ou poemas. Agora, é mais ouvir. Já muito me incomodei com o tecto – se as orações ficavam lá a bater como os balões! –, agora sei que mesmo que o céu seja de bronze, Ele o fendeu de uma vez por todo o sempre – logo existe passagem! Posso não ouvi-l'O; aliás, não O oiço, já, porém, não concebo um Pai que não ouça um filho, Lhe não enxugue as lágrimas, se negue a levá-lo pela mão e, quando necessário, ao colo, sobre o abismo – logo de certeza Ele me ouve.

Orar não é simples, mas é mais simples para os sem arrimo e os simples. E para quantos têm a coragem e a humildade de Lhe dizer: – *ensina-nos a rezar*. Às vezes não rezo nada e fico-me como a outra – ao que contam a outra foi Santa Teresa de Jesus – que não querendo fugir da oração ficou diante do Santíssimo a contar os tijolos da parede. (Eu é mais anjos...) Conta-se que um dia, perguntou ao Senhor:

– *Qual foi a vez em que a minha oração mais Te agradou?*
– *Aquela em que ficaste a contar tijolos*, ripostou-lhe.

Às vezes, duvido desta estória, por uma simples razão: o que seduz e vence o coração de Deus não é a persistên-

cia, mas que O amemos, O estimemos, O prefiramos por cima de quanto exista. Mas uma coisa não nega a outra necessariamente. Outras vezes, como leio no Evangelho, a oração de petição também é insistir: e se, de facto, nunca ela muda a Deus segundo a nossa conveniência, porque Deus não muda nunca, então, se insistirmos, se precisarmos de insistir, é porque alguém precisa de mudar, nós! E então digo-me: porque só pedes, João? Porque rezas como os pagãos e só pedes? Porque não adoras? Porque não te limitas a adorar? Porque não agradeces? Porquê, pobre bichinho, não reconheces tu a Deus como Pai que te ama, que sabe o que precisas, o que verdadeiramente precisas, e que não to nega jamais? Porquê? Porquê?...

Enfim, mérito algum em nós nos torna merecedores da atenção de Deus e da salvação. Aliás, Deus salvou-nos quando éramos pecadores, porque éramos tal, porque estava visto que só com nossas forças jamais venceríamos o Egito do pecado. Éramos pecadores e salvou-nos. Não foi porque fôssemos uns heróis bons, obedientes, luzidios, capazes ou bonitos – como, pois não rezar, agradecendo-lhe? Amando-O? Reconhecendo-O? Louvando-O? Adorando-O?

Aliás, se Deus preferisse os heróis tinha ido para Atenas ou Roma; mas aí jamais O crucificariam.

4. O inverno de 1980 deve ter sido muito rigoroso, já que recordo que derrubou a figueira grande que vivia junto ao nosso alpendre. Quando passou a borrasca alimpamos o que havia de alimpar-se e, no verão, já sem figueira nem raízes de figueira, eu e meu pai, reerguemos o muro. A força tinha-a ele, eu a ajuda. Ele a sabedoria, eu a sede. As leis eram simples, disse-me. As pedras grandes ficam por baixo, as pequenas por cima. E as faces mais bonitas para fora. Agora parece-me óbvio. Erguido o muro numa semana, faltava *matar* as frinchas entre pedras – era trabalho meu, com o seu quê de preparo e jeito. Só um tolo é que não aprende a escolher e a afiar uma *pedra de matar*. Aprendi. Porém, se o conceito é fácil, o realizar é mais complicado. Não servem umas pedras quaisquer, como ele me disse. E eu reconheci.

– *Ai não?! Então porquê*, perguntei inglório?

– *Porque duro com duro não faz bom muro*, atçou-me!

Ainda hoje disso me lembro. E agora que a luz dos olhos se me vai coando, aproveito para ver e vejo as pontes e as câmaras, os palácios e os ministérios, os templos e os mercados: nenhum muro ali se constrói só com pedra rija, que é mais bailadeira. Até pode que seja rija, firme e aguente muito peso e responsabilidade, mas se não é travada com pedra mole, daquela que se esmigalha, e esmigalhando-se, amacia e penetra para lá da aparência, e trava a dura, então esse muro não é inteiramente confiável.

À *pedra mole* não se Lhe peça o ofício da dura, nem esta queira o da *mole*. Nenhuma se dispense, é o que digo, que a cidade não se constrói só com a rija, só com a dura cerviz direita e firme, só com a que não sabe inclinar a cabeça nem dobrar o joelho nem calar diante da luz tremeluzente do sacrário.

Não quero cidade sem oração, nem oração só nas aforas da cidade, nos desertos e nos retiros. Sim, a oração é prática dos devotos e é também implicação com as pedras da calçada, das escolas, dos estádios, das fábricas,

dos hospitais e das cadeias. Quem verdadeiramente reza não foge às dificuldades, antes atenta e abre-se à resolução dos problemas comuns. E encontra tempo para ajoelhar. E para trabalhar.

Não creio nem promovo oração que desligue do real, mas na que é fonte interior de coesão, decisão e compromisso, na que funda e oferece uma visão sustentada do eterno que não passa, mesmo que não seja visto à porta a saudar quem na rua vai. Não sei se a crise civilizacional que sofremos é também uma crise de oração. Não me custaria a crer que sim, porque de há um par de séculos


a esta parte só sabemos construir a cidade com a pedra dura da razão. Construindo para o já e o consumo rápido, deixámos de querer construir com a ternura da alma, os pés na terra, as mãos no maço e os olhos no céu, incorporando o transcendente e o eterno entre aquilo que do pó erguemos. Responsabilizando-o também por aquilo que construímos. E deixámos de saber preencher os vazios entre pedras, por já não queremos o divino como vizinho. E é assim que nenhuma construção puramente humana se mostra fiável, sustentável e segura.

Ai da cidade rija! Não restará nela pedra sobre pedra.

Guias para Deus 2024/2025

Carmelitas Descalços da Foz do Douro



Desde 2018 que a comunidade *Stella Maris* dos Carmelitas da Foz do Douro (Porto) oferece um itinerário de aprofundamento da espiritualidade carmelita, os *Guias para Deus*. Este ano são retomadas as sessões no dia 19 de outubro, pelas 16h no Centro Pastoral Carmelita (Rua Marechal Saldanha, 145). Os encontros serão mensais, no terceiro sábado. Todos estão convidados a percorrer este caminho, juntamente com os Santos e a espiritualidade do Carmelo, para crescer na relação com Deus e com os irmãos. Pode obter mais informações e fazer a inscrição pelos seguintes contactos: porto@carmelitas.pt ou 226 181 683. 



De Véspera Com...

St. Teresa do Menino Jesus

Orienta: Pe. João Rego

30 de setembro
às 21h30



